

A política narrativa do Movimento Brasil Livre no documentário *Não vai ter golpe! O nascimento de uma nação livre* (2019)

Mônica Mourão & Adil Giovanni Lepri*

Resumo: A deposição da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, é um fato marcante na história recente do Brasil e alvo de uma disputa de narrativas entre direita e esquerda através, entre outros, da produção de documentários. Este artigo analisa como o Movimento Brasil Livre, que organizou atos em prol do impeachment, narra esses acontecimentos, colocando-se como protagonista e agente da narrativa.
Palavras-chave: narrativa; documentário; melodrama; memória.

Resumen: La impugnación de la presidenta Dilma Rousseff, en 2016, es un hecho notable en la historia reciente de Brasil y el objetivo de una disputa de narrativas entre derecha e izquierda a través, entre otros, de la producción de documentales. Este artículo analiza cómo el Movimento Brasil Livre, que organizó actos a favor de la impugnación, narra estos eventos, colocándose como protagonista y agente de la narrativa.
Palabras clave: narrativa; documental; melodrama; memória.

Abstract: The deposition of President Dilma Rousseff, in 2016, is a remarkable fact in the recent history of Brazil and the target of a dispute of narratives between right and left through, among others, the production of documentaries. This article analyzes how the Movimento Brasil Livre, which organized acts in favor of impeachment, narrates these events, placing itself as the protagonist and agent of the narrative.
Keywords: narrative; documentary; melodrama; memory.

Résumé : La déposition de la présidente Dilma Rousseff, en 2016, est un fait remarquable dans l'histoire récente du Brésil et l'objet de différents récits entre la droite et la gauche à travers, entre autres, la production de documentaires. Cet article analyse la manière dont le Movimento Brasil Livre, qui a organisé des actions en faveur de la destitution, raconte ces événements, se plaçant comme le protagoniste et l'agent du récit.
Mots-clés : récit ; documentaire ; mélodrame ; mémoire.

* Mônica Mourão: ESPM Rio, Cinema e Audiovisual, TELAS – Laboratório de estudos do Audiovisual – Técnicas, economia, linguagens, audiências e sociedade. 20041-002, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: monicamourao@gmail.com
Adil Giovanni Lepri: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Nex – Núcleo de Estudos do Excesso nas Narrativas Audiovisuais. 24210-590, Niterói, Brasil. E-mail: adillepri@gmail.com

Submissão do artigo: 31 de maio de 2020. Notificação de aceitação: 29 de julho de 2020.

Introdução

“A história será gentil comigo, já que eu pretendo escrevê-la” (Winston Churchill). A frase é a primeira mensagem escrita do documentário *Não vai ter golpe! O nascimento de uma nação livre* (2019), de Alexandre Santos e Fred Rauh, produzido pelo Movimento Brasil Livre (MBL), um dos atores sociais fundamentais na mobilização pelo golpe da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), deposta em 2016. Anunciado como uma resposta à versão da esquerda sobre o impeachment (*ver arte de divulgação*), o documentário se insere numa disputa de narrativas, termo que o próprio MBL tem usado para se posicionar na “guerra cultural” em curso no país. Em resumo, a ideia do grupo, coadunada por outros atores da direita atual no Brasil, é de que a esquerda detém a hegemonia na sociedade, pois a versão da história contada por ela, através da imprensa e da universidade, é a que tem prevalecido. O documentário em questão, portanto, é mais uma arma da nova direita para derrotar o “marxismo cultural”, expressão que diz respeito à apropriação do pensamento gramsciano pela intelectualidade heterodoxa de direita.

UM FILME NETFLIX
DEMOCRACIA EM VERTIGEM
Novo 2019 12 2h 1min

A ESQUERDA JÁ PUBLICOU A VERSÃO DELA SOBRE O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF:

- FOI GOLPE;
- MORO FOI TREINADO NOS EUA;
- O POVO NAS RUAS ERA "FORÇAS OBSCURAS" DE **AÉCIO NEVES**;
- TUDO VONTADE DAS **ELITES**, E NÃO DOS MILHÕES DE BRASILEIROS QUE PROTESTARAM;
- ELEIÇÃO DE **BOLSONARO** FEZ PARTE DO GOLPE E É UM FUTURO OBSCURO.

ACHA UM ABSURDO? NÓS TAMBÉM.
EM SETEMBRO O MBL VAI LANÇAR SEU PRÓPRIO FILME **SOBRE O IMPEACHMENT**. COMPRE SEU INGRESSO AGORA EM **NAOVAITERGOLPE.COM.BR**

Figura 1. Divulgação do documentário nas redes sociais do MBL.

Antes da frase de Winston Churchill, a logo da MBL Filmes e imagens de um grupo marchando à beira de uma rodovia com bandeiras com as cores do Brasil abrem essa que seria a versão correta de como se deu o processo de impeachment: resultado de uma mobilização popular e de massa, sem liderança de representantes da política institucional, dentro da legalidade democrática, em busca da liberdade. Mobilização liderada pelo MBL, que conta, no filme, sua própria história, com ênfase em seus momentos fundacionais.

Neste artigo, pretendemos analisar o longa-metragem realizado pelo movimento sobretudo em seus aspectos narrativos, a fim de compreender como a sua organização dos fatos contribui no sentido de descreditar a ideia de que houve um golpe parlamentar no Brasil e sobretudo para erguer definitivamente uma narrativa sobre o movimento em si, o que ele é e o que ele representa.

Guerra cultural e disputa de narrativas

O controle da narrativa e o contar a própria história no filme *Não vai ter golpe!* se dá de tal maneira que quase metade dos entrevistados são do MBL, além de terem sido eles mesmos que produziram, dirigiram e montaram o documentário. No total, além de falas breves,¹ foram entrevistadas e creditadas, durante o filme, 28 pessoas.² Dezoito delas não são do MBL. Entre os que são, todos são creditados como fundadores ou coordenadores do Movimento, mesmo que no momento de realização do filme estivessem já ocupando cargos representativos na política institucional (Fernando Holiday, eleito vereador pela cidade São Paulo, em 2016, e Kim Kataguiri, deputado federal pelo estado de SP, em 2018). A decisão não apenas segue a lógica de situar o espectador no passado que o filme narra, já que conta acontecimentos anteriores a essas eleições. É também parte da própria construção memorável que empreendem

1. As falas breves são fundamentais para a construção da lógica de apoio popular e massivo à derrubada de Dilma Rousseff. Elas aparecem no início da marcha para Brasília, com pessoas dizendo seus nomes e de onde vêm; também há algumas entrevistas breves quando é apresentado o acampamento pelo integrante do MBL Ian “Ministro” Garcez, novamente com essa mesma ideia. Já durante os créditos do filme, além dos integrantes do MBL já ouvidos, outros falam sobre o processo e seu crescimento pessoal, e Marcello Reis do Revoltados Online também comenta como foi a vitória do impeachment do ponto de vista pessoal.

2. Na ordem e da maneira como creditados no filme: Paulo Eduardo Martins (dep. federal – PSC/ PR), Renan Santos (fundador MBL), Pedro D’Eyrot (fundador MBL), Marcello Reis (líder Revoltados Online), Rafael Rizzo (fundador MBL), Alexandre Borges (cientista político), Adelaide de Oliveira (coord. Vem Pra Rua), Hélio Beltrão (economista), Carlos Sampaio (dep. federal - PSDB/SP), Rogério Rosso (ex-dep. federal PSD/DF), Kim Kataguiri (fundador MBL), Dr. Ives Gandra (jurista), Alexandre Santos (fundador MBL), Fernando Holiday (coordenador MBL), Rubinho Nunes (fundador MBL), Fred Rauh (fundador MBL), Ian “Ministro” Garcez (coord. nacional MBL), Luiz Felipe Pondé (filósofo), Ronaldo Caiado (governador – GO), Bruno Araújo (ex-dep. federal – PSDB/PE), Amanda Alves (membro Vem Pra Rua), Darcísio Perondi (dep. federal – MDB/RS), Hélio Bicudo (fundador PT), Janaína Paschoal (jurista), Carlos Andreazza (jornalista), Rodrigo Constantino (economista), Mendonça Filho (ex-ministro da educação), Paulo Filippus (ativista MBL).

em relação ao golpe (ou, como consideram, *impeachment*): um movimento independente de partidos.

Em relação a isso, a conversa de Hélio Bicudo com Kim Kataguiri é significativa. Bicudo fala que não tem “nada a ver com partido político, acho que você também não tem”. Kataguiri responde que não: “O nosso movimento é um movimento dos brasileiros”. Apesar disso, o jurista, que morreu em julho de 2018, antes de ver a extrema direita chegar ao governo federal, é creditado como “fundador do PT”. Bicudo foi assim o personagem perfeito: o petista arrependido, que considera o golpe um processo democrático e acima de partidos ou ideologias. Hélio Bicudo, como um velho sábio, confere seriedade e legitimidade às ações espontâneas dos jovens *outsiders*, estranhos e fracassados que formam o MBL. Nas palavras deles mesmos na descrição do filme na plataforma Google Play: “um grupo de estudantes, artistas e empresários falidos, que de um escritório capenga no centro de São Paulo, foram capazes de iniciar uma verdadeira revolução política no Brasil”.

Entre os demais entrevistados do documentário, estão organizadores de outros movimentos que lideraram os atos de rua *pró-impeachment*: Marcello Reis (líder Revoltados Online), Adelaide de Oliveira (coord. Vem Pra Rua) e Amanda Alves (membro Vem Pra Rua), sendo que esta última é a personagem que reforça o quanto a luta pelo golpe era *anti-establishment*. Amanda, ao contrário dos outros dois, que falam como líderes, foi uma das pessoas que saiu machucada no acidente que sofreram durante a marcha até Brasília, e que eles aventam ter sido proposital, um ato de perseguição política. Além desses entrevistados, também falam no documentário homens diretamente ligados à política institucional, duas figuras responsáveis pelo processo jurídico do *impeachment* (o já citado Hélio Bicudo e a advogada Janaína Paschoal) e os intelectuais de direita Dr. Ives Gandra (jurista), Carlos Andreazza (jornalista), Rodrigo Constantino (economista), Alexandre Borges (cientista político), Hélio Beltrão (economista) e Luiz Felipe Pondé (filósofo).

Os três últimos também são entrevistados no documentário *1964: o Brasil entre armas e livros* (2019), da produtora Brasil Paralelo, que busca contar a “verdadeira” história da ditadura militar. Não há nenhuma relação formal entre a Brasil Paralelo e o MBL ou os seus integrantes, porém a escolha dos entrevistados e a pretensão de contar versões da história em oposição às versões da esquerda mostram que existe uma circularidade de narrativas e intelectuais de direita. São diferentes expressões de um movimento inserido na “guerra cultural”, da qual também fazem parte outros grupos de jovens produtores de audiovisual (Rudnitzki e Oliveira, 2019).

Os intelectuais entrevistados pelo MBL são, quase todos, integrantes de *think tanks* liberais.³ Essa escolha vai além de uma relação discursiva entre essas organizações e o MBL. O movimento em si nasce a partir de uma “organização liberal voltada especificamente ao público jovem e universitário, o chamado Estudantes pela Liberdade (EPL)”, lançado, em 2012, no principal evento da agenda liberal no Brasil, o Fórum da Liberdade (Casimiro, 2016: 346).

[...] sua atuação pode ser caracterizada pelo recrutamento de jovens universitários para a composição de novos quadros de intelectuais orgânicos da ideologia de mercado. [...] Dessa forma, partindo do pressuposto de que a academia brasileira seria fortemente dominada pelo marxismo e as ideologias de esquerda, o EPL busca disputar este espaço como uma espécie de luta política e ideológica ou, como muito bem nos mostrou o filósofo sardo [Antonio Gramsci], como uma trincheira na guerra de posição. (Casimiro, 2016: 346).

O EPL se afirma como parceiro de organizações internacionais: membro da Atlas Network, International Federation of the Liberal Youth, Students For Liberty Network, Economic Freedom Network do Fraser Institute, Red Liberal de América Latina e Property Rights Network (Casimiro, 2016: 349-350). Já a relação do EPL com o MBL é descrita pelo diretor executivo da primeira organização, Juliano Torres, em matéria publicada pela Agência Pública em que ele afirma que o MBL teria sido criado como uma “marca” do EPL “para participar das manifestações de rua sem comprometer as organizações americanas que são impedidas de doar recursos para ativistas políticos pela legislação da receita americana” (Amaral, 2015).

Além dessas ligações com outras organizações liberais, é fundamental situar o MBL e sua relação com o audiovisual. O Movimento está vinculado, desde o início, à produtora NCE Filmes, de Alexandre Santos, irmão de Renan e, junto com ele, um dos fundadores do MBL. A produtora é descrita em postagem do atual deputado federal Kim Kataguirí (DEM), em 2015, como uma prova de que “dá pra ser legal sem receber grana do governo”. Trata-se de uma referência ao posicionamento político contrário a leis de fomento do audiovisual.

3. Alexandre Borges é colunista e diretor do Instituto Liberal; Hélio Beltrão é especialista do Instituto Millenium e fundador-presidente do Instituto Mises Brasil; Luiz Felipe Pondé é professor titular da Fundação Armando Álvares Penteado e colunista do jornal Folha de S. Paulo; Ives Gandra é membro do Conselho Editorial do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista, um *think tank* neoliberal que faz parte da rede Atlas Network e também integra a Opus Dei; Carlos Andreazza é jornalista e editor-executivo do Grupo Editorial Record, responsável por uma virada na editora, que passou a publicar livros da nova direita, inclusive Olavo de Carvalho (Silva, 2018); Rodrigo Constantino é presidente do Instituto Liberal e fundador do Instituto Millenium.



Figura 2. Página de Facebook de Kim Kataguirí

Durante as articulações em prol do impeachment, o escritório da NCE Filmes era o mesmo do MBL, cujo site dá ênfase ao audiovisual: é através de três vídeos que ocupam quase toda a página principal que o Movimento se apresenta aos internautas. No filme, NCE e MBL começam a se diferenciar: a produção é assinada pela MBL Filmes, cujo logo remete à da NCE e aparece tanto no início do filme quanto nas roupas usadas por Renan Santos e Pedro D’Eyrot quando apresentam o que chamam de “furacão Holiday”, em referência à oratória de Fernando Holiday. A produção audiovisual está intrinsecamente ligada à atuação política do grupo: foi com ela que começaram a atuar, produzindo vídeos para a campanha de um candidato a deputado estadual pelo PRP. E é com ela – mas não apenas – que fazem política e constroem a trajetória do próprio MBL.

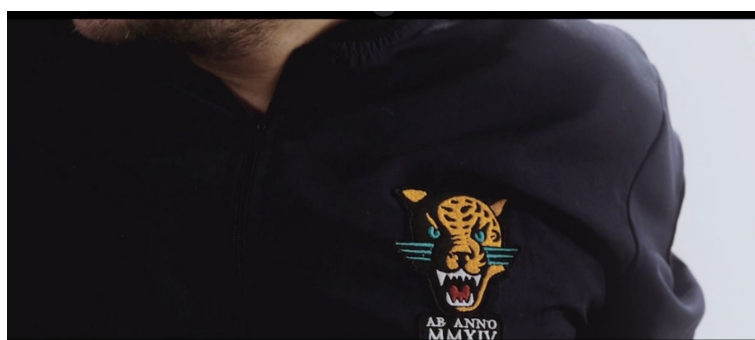


Figura 3. Logo inspirada na NCE Filmes em camisa usada por Renan Santos. “Ab anno MMXIII” ou “desde 2013”.

Dois dos fundadores do Movimento já atuavam na área: Alexandre Santos, que cursava cinema, e Fred Rauh, que fazia publicidade. Juntos eles dividem a direção de *Não vai ter golpe!*. Nenhum dos dois concluiu a faculdade, característica comum aos fundadores do MBL, que eles contam no filme como parte de um traço de insubmissão às normas. Mais uma característica *outsider* de jovens que eram fracassados até se unir em torno do MBL e da pauta do impeachment de Dilma Rousseff.

O desprezo pela academia, no entanto, precisa ser compreendido além dessas características que os “moleques”, como se chamam, buscam dar a seus próprios personagens. A “guerra cultural” – tema de uma das mesas do último congresso do MBL no Rio de Janeiro, em abril de 2019 – dá-se tanto por meio da produção audiovisual quanto da disputa nas universidades. Ou do desprezo pelos ensinamentos desse espaço, colocado como dominado pelo marxismo. Em entrevista replicada por diversos sites, por exemplo, Kataguirí atribui sua saída da faculdade de Economia ao viés ideológico dos professores, que não abordavam as correntes liberais. O desprezo pela esquerda se dá pelo conteúdo, mas não pela forma: o MBL mimetiza atos simbólicos que seriam próprios da esquerda (como o título do filme, palavra de ordem nas manifestações contra a deposição de Dilma Rousseff). Luiz Felipe Pondé assim descreve o MBL no documentário, logo antes de imagens da marcha a Brasília acompanhadas de uma trilha sonora dramática:

Um movimento da molecada de direita. Uma molecada pragmática, que faz política pragmática, é articulada, que tá nas mídias sociais e, no momento em que o MBL abraça o impeachment de forma sistemática, e faz uma marcha para Brasília, que é uma coisa que normalmente *you imagine que a UNE faz*, certo? Então assim é o tipo de ato simbólico, e a política, depois da Revolução Francesa, ela é cheia de atos simbólicos. Se você olha todo o século XIX, ela é cheia de atos simbólicos e os donos dos atos simbólicos era sempre a esquerda”. (Santos e Rauh, 2019, grifo nosso).

Nesse sentido, Carlos Andreazza, nos momentos finais do longa, coloca de forma clara o que foi a luta do MBL e o que está sendo, naquele momento ainda, a luta da direita na sociedade: “O incômodo da esquerda é que esse tipo de atitude, de narrativa, era próprio, exclusivo deles. E agora eles têm adversários, jogando no mesmo nível, fazendo o que se chama de ‘guerra cultural’” (Santos e Rauh, 2019).

O que parece interessante notar, no entanto, é a admissão de que os métodos que tornaram o MBL vitorioso, na visão do filme e destas figuras de autoridade, são tradicionalmente entendidos como “de esquerda”. Manifestações de rua, uso criativo da produção midiática em geral, a noção da opressão por uma estrutura de poder em voga. Pondé, diz isso textualmente na passagem

acima, aos 43min de filme, mas existem outras alusões como, por exemplo, aos 47min, quando o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, fala na “chegada de um grupo de resistência” a Goiânia. A própria ideia de acampar no gramado do Congresso Nacional é uma tática utilizada por movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no passado; é possível inclusive escutar aos 1h16min integrantes do acampamento do MBL gritando “ocupar e resistir”.

A narrativa contra a imprensa tradicional também é retomada por Pondé e está presente ao longo do filme como um todo. Ao início, a voz *over* diz que o PT comprou jornalistas, que boa parte da imprensa dissemina narrativas esquerdistas e há sobretudo alguns momentos de conflito com a TV Globo. Em determinado momento do filme, durante o capítulo “O acampamento”, existe uma tensão entre os integrantes do movimento e um repórter da rede de televisão, ancorado na percepção do MBL de que a empresa não mostrava seu acampamento e tentava escondê-lo do público em geral. Nesses momentos, o MBL se coloca reiteradamente como um grupo com poucos recursos, composto de jovens sem experiência e impotentes frente a uma estrutura de poder estabelecida que tentava a todo custo sufocar sua narrativa.

Nesse sentido, essa pretensa disputa de narrativas se encaixa em um fenômeno mais amplo, de caráter global, segundo Gomes e Dourado (2019):

A chave para entender a correlação está no tema da pretensa “crise epistêmica”, intencionalmente produzida pela nova direita em seu próprio benefício, e que consiste em desqualificar todas as instituições tradicionalmente dotadas de credibilidade para arbitrar sobre o conhecimento socialmente aceito sobre fatos, a saber, a ciência, a universidade e o jornalismo. (Gomes e Dourado, 2019: 37).

Produz-se então o que os autores entendem, a partir de David Roberts (2019), como epistemologia tribal, “[...] segundo a qual um relato é verdadeiro ou falso não em função dos fatos a que se referem, mas em virtude dos valores que reforçam, dos princípios que sustentam” (*Ibidem*: 37). A disputa de hegemonia na esfera cultural, dominada pelo ‘inimigo’, portanto, é colocada explicitamente pelo grupo e pelos intelectuais que lhe dão sustentação ideológica. Para o MBL, as ações também são narrativa. Renan Santos situa a própria marcha a Brasília – acontecimento fundamental no filme e na saga dos personagens – como uma “narrativa”.

A narrativa principal que a gente queria fazer era: nós vamos sair de São Paulo com o pedido de impeachment em mãos. Com um grupo de pessoas que ia sair da capital do maior estado desse país, ia rodar primeiro a rodovia dos Bandeirantes, depois Anhanguera, depois entrava em Mina Gerais, de Minas entrava em Goiás, de Goiás entrava no Distrito Federal. Ali nós

estávamos mostrando: olha, nosso foco é o impeachment, a gente não tá indo pra Brasília “lutar contra a corrupção”. (Santos e Rauh, 2019, grifo nosso).

Segundo o antropólogo Claude Rivière (1989), os ritos seculares são uma “modalidade particular de uma encenação da vida coletiva e ao mesmo tempo simulacro onde se investe o imaginário social”. Dessa maneira, Renan Santos e Pedro D’Eyrot relacionam ação política e narrativa em diferentes momentos do documentário. Nas palavras de D’Eyrot:

A esquerda, como eles criaram a *narrativa*, junto com a imprensa, lá atrás, tentaram colocar na gente uma pecha de retorno da ditadura, né, de volta dos militares, a gente conseguiu criar essa, digamos assim, esse escudo ideológico na tese do impeachment e isso afastou a esquerda [...] Em termos de *narrativa*, não foi tão proveitoso assim [a manifestação de 6 de dezembro de 2014], porque depois até o [José Eduardo] Cardozo, que era ministro da Dilma, foi lá e deu uma resposta satisfatória [...] Qual é o novo modelo disruptivo que a gente consegue criar algo poderoso e simbólico que continue construindo essa *narrativa* bonita e que não dependa das pessoas que agora estão em um momento de energia baixa? (Santos e Rauh, 2019, grifo nosso).

As ações, portanto, são narrativas em si, mas essas últimas também criam a realidade ou a transformam, podendo colaborar para o enfraquecimento ou o reforço dos atos políticos promovidos pelo grupo.

A disputa por narrativas, como já afirmado no início deste artigo, situa-se também extrafilme, como se pode perceber observando a atuação do MBL nas redes. O filme *Marighella* (inédito), cuja temática, escolha do ator principal e posicionamentos do diretor foram usados como motivo para uma ação organizada de parte da direita brasileira para derrubar a nota do filme na plataforma IMDb,⁴ foi objeto de três vídeos do MBL no YouTube, em 2019.⁵ Renan Santos criticou o filme que ainda não tinha visto e proferiu frases como, por exemplo, que Moura “não está bem da cabeça. Padece do mal da mentalidade revolucionária” (MBL, 2019).

A produção de conteúdo visando a criticar filmes pelo posicionamento político de sua equipe já tinha acontecido também em relação à própria deposição de Dilma Rousseff. O elenco de *Aquarius* (2016), no festival de Cannes em 2016, levantou pequenos cartazes em que denunciava, em Inglês e Francês, que o Brasil passava por um golpe de estado. Em sua página no Facebook, no dia 29 de maio daquele ano, o MBL compartilhou texto que ridicularizava

4. *Mariguella* ainda não tinha sido lançado no Brasil, mas apresentado no Festival de Berlim, onde o diretor Wagner Moura levantou uma placa em memória a Marielle Franco, vereadora assassinada em março de 2018.

5. Os vídeos foram publicados nos dias 13 de janeiro, 18 e 19 de fevereiro de 2019.

o protesto: “‘Aquarius’ foi a melhor comédia em Cannes deste ano. Uma comédia involuntária, mas foi...”. O site que produziu o texto já não está mais disponível.⁶

Enquanto menosprezam filmes brasileiros com narrativas contrárias às deles, os produtores da MBL Filmes não conseguiram colocar *Não vai ter golpe!* no circuito de salas de cinema ou na plataforma de streaming Netflix,⁷ que produziu *Democracia em vertigem* (2019) de Petra Costa. O filme do MBL está disponível nas plataformas iTunes, Now e Google Play para compra e aluguel. A oposição ao filme de Petra foi citada diretamente por Alexandre Santos numa atividade lançamento do *Não vai ter golpe!* numa sala de cinema alugada para este fim em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Além de terem o filme negado pela Netflix, os diretores também comentaram que procuraram personalidades de esquerda para ser ouvidas, mas elas se recusaram a falar sobre o filme (Miguez, 2019). A guerra de narrativas está lançada, e elas não quiseram correr o risco de colaborar com o outro lado da trincheira.

Causa, efeito e narrativas no roteiro de *Não vai ter golpe!*

A produção audiovisual do MBL nos sites de redes sociais (SRS) é colocada pelo movimento no centro de sua atuação política, sobretudo no período do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Os vídeos giram em torno de registros de manifestações, memes audiovisuais, esquetes, *vlogs* opinativos, entrevistas, entre outros. O “estilo” MBL pode ser pensado a partir de seu caráter altamente intertextual, fragmentário, pervasivo e excessivo, principalmente com relação à produção midiática no contexto dos SRS (Lepri, 2020).

Quando o movimento se propõe a realizar um filme de longa-metragem, no entanto, embora essas marcas estilísticas permaneçam, há uma necessidade de marcar uma diferença estética entre as produções. Os realizadores parecem querer deixar isso claro já na escolha por incluir barras pretas acima e abaixo do quadro, efetivamente cortando o vídeo para se assemelhar com um formato de *cinema*, próximo ao que é o *Cinemascope*.⁸ Apesar dessa distinção, os ma-

6. Vale lembrara que, em julho de 2018, período anterior às eleições, o Facebook tirou do ar 196 páginas e 87 contas administradas por integrantes do MBL porque “escondiam das pessoas a natureza e origem de seu conteúdo” e tinham o propósito de gerar “divisão e espalhar desinformação” (Salgado e Grillo, 2018). Em agosto de 2018, o Tribunal Regional Eleitoral (TER) da Bahia condenou o MBL, Kim Kataguiri e Fernando Holiday a publicar direito de resposta por terem divulgado notícia falsa contra o petista Jacques Wagner.

7. O filme desde então entrou no catálogo do serviço de streaming Amazon Prime Video, embora não seja identificado como um “original Amazon”.

8. O formato do quadro de cinema se refere à proporção entre largura e altura. No formato *cinemascope*, inventado na década de 1950, a largura é consideravelmente maior do que a altura, tornando o quadro mais retangular.

teriais audiovisuais utilizados no filme, na sua esmagadora maioria produzidos pelo próprio movimento ao longo dos anos, mantém as marcas mencionadas anteriormente, embora as situações de entrevista sejam uma exceção em geral. Nesse sentido, a importância da produção audiovisual para o movimento é colocada cedo na narrativa, com a chegada de Fred Rauh sendo um marco para o MBL, que se voltava principalmente para a produção midiática. De fato, como será possível perceber ao longo do filme, o movimento registra uma quantidade avassaladora de material audiovisual ao longo dos anos desde sua criação.

Durante o decorrer do filme é feita alusão por diversas vezes às tentativas de diferentes membros – Alexandre Santos, Kim Kataguiri, Fernando Holiday – de se tornarem *youtubers* de sucesso. Holiday fala inclusive por volta dos 33min que seu sonho era ser o Felipe Neto, famoso *youtuber* brasileiro. Aos 37min50seg um dos integrantes fala em seu depoimento que o modelo de fazer política do MBL é “[...] disruptivo, poderoso e simbólico”, sobretudo com relação à sua produção audiovisual e gráfica de maneira geral, deixando clara a orientação midiática do movimento no ambiente político brasileiro.

Do ponto de vista narrativo, o filme se organiza de forma estritamente cronológica, com a exceção de um trecho do final que é trazido para o início do filme (o momento da votação do impeachment do senado, que é inclusive repetido ao final). Além de trazer divisões em capítulos, o filme traz elementos gráficos que contam o número de dias até a concretização do impeachment em diversos momentos, efetivamente buscando construir uma sensação de direcionalidade para a narrativa.

O longa possui três momentos em que um outro tipo de textura, mais claramente encenada, é introduzida. O primeiro aos 26min, em que uma “paneleira” vestida com o uniforme da seleção brasileira explica diretamente para a câmera o que é crime de responsabilidade. O segundo às 1h05min um chef de cozinha explica, fazendo uma analogia com uma barraca de comida de rua, o que são pedaladas fiscais. Esses dois momentos são claramente inspirados diretamente em momentos idênticos de *A grande aposta* (2015), filme que dramatiza os eventos que precedem a crise financeira de 2008 nos EUA. O terceiro ocorre por volta dos 33min quando Fernando Holiday é apresentado, acompanhado de uma música enérgica e uma animação espalhafatosa com seu nome aplicada por cima da imagem. Holiday e dois outros integrantes do movimento que já haviam sido introduzidos conversam em uma sala branca com um sofá branco, enquanto assistem imagens da atuação retórica de Holiday em uma TV antiga. Mais uma vez a ideia de um certo “estilo MBL”, supostamente irreverente, emerge. Um estilo que privilegia o intertextual e o fragmentário e, conforme dito por Alexandre ao início, “cheio de referências”.

De fato, esse estilo é um ponto central de defesa do filme por parte de membros do movimento. Arthur do Val, *youtuber* dono do canal “Mamãe, falei” e integrante da direção do MBL, faz um vídeo após o lançamento do longa em que o compara ao documentário *Democracia em vertigem*. Do Val caracteriza o filme de Petra Costa como uma produção de “elite”, que segundo ele contaria com grande orçamento e equipamentos de ponta a sua disposição, bem como uma estrutura refinada de produção de maneira geral. Já sobre o filme do MBL o *youtuber* diz que foi feito por “[...] um bando de moleque ‘rock n’ roll’, com câmera de celular”.⁹ Do Val segue por dizer que o movimento e a direita em geral precisam de seus “mitos fundadores”, e o filme contribui nesse sentido, fazendo uma disputa da narrativa supostamente hegemônica da esquerda no país. Ele chega a comparar o longa com *A bruxa de Blair* (1999), que assim como *Não vai ter golpe!*, teria sido feito com poucos recursos e entregado um resultado de alta qualidade. Para do Val a analogia escolhida é, em suas palavras, como se o filme fosse “uma *startup* de cinema”.

O que chama atenção de início é o ponto de vista absolutamente pessoal colocado na voz *over*, dividida entre diversos membros, embora comece com Alexandre Santos, que funda o movimento com seu irmão, Renan. Alexandre narra, durante seis minutos, após uma breve sequência gráfica explicando a história recente da política institucional brasileira sob o ponto de vista do movimento, a sua história de vida e de sua família. Fotos pessoais, vídeos de momentos íntimos e a narração apresentam uma trajetória de vida supostamente conturbada, cheia de “empresas fracassadas” – correm na justiça diversos processos trabalhistas contra a família e essas empresas (Lopes e Segalla, 2016) – e falha em concluir o ensino superior por parte do personagem. A passagem da história de família para a criação do MBL, após um fracasso no movimento estudantil de seu irmão Renan, é uma transição simples, natural e consequência da vontade de Alexandre de “fazer algo que goste”. De fato, o fundador do MBL diz em dado momento do filme que “Poucas pessoas sabem, mas a ideia da marcha [para Brasília] foi do meu pai”, reforçando essa proximidade entre a vida familiar e a atuação política do grupo e a narrativa de que suas ações eram espontâneas. Para além desses elementos narrativos, a voz *over* tende para a informalidade, tanto na construção textual quanto no tom da locução em si e, esse aspecto, em conjunto com o amplo acervo iconográfico familiar e da intimidade do grupo, evoca ainda mais o elemento pessoal e íntimo: esse filme é a história de Alexandre, Renan, Kim, Fernando e seu bando de “sonhadores”.

9. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=IKwuHKwGD_U. Acesso em 26 de mai de 2020.

O senso de causalidade acompanha o roteiro do filme como um todo, que dividido em capítulos, apresenta os fatos que levaram ao impeachment invariavelmente encadeados como efeitos diretos das ações do MBL. Há pouco ou nenhum espaço para a aleatoriedade, a contradição e o imponderável do mundo real no filme. Parece haver uma organização retórica monolítica que se move do início ao fim sempre em direção ao objetivo final do movimento/protagonista. Essa organização narrativa inclusive se encaixa em paradigmas estruturais de roteiro, como o de oito sequências de Frank Daniels, conforme descrito por Gulino (2004) e o de Syd Field (2001), em que os filmes de sucesso seriam divididos em três atos, com dois pontos de virada ao final do primeiro e segundo atos. Essa forma de pensar a narrativa cinematográfica, altamente apoiada em noções aristotélicas de dramaturgia, pressupõe um protagonista com um objetivo e obstáculos a vencer até o clímax final no terceiro ato. O modelo de Gulino (2004) a partir de Daniels reconhece essa estrutura geral, porém propõe um detalhamento em sequências, no entendimento do autor, um conjunto de cenas com a mesma questão dramática. Ao final de cada sequência, a questão dramática específica seria resolvida e outra se apresentaria, sempre seguindo o conflito básico, o objetivo do protagonista versus os obstáculos colocados em geral por um antagonista. A proposta básica então gira em torno de oito sequências, duas compondo o que seria o primeiro ato, quatro no segundo e duas no terceiro, se alinhando com o paradigma de Field. Embora Gulino (2004) analise filmes com maior ou menor número de sequências identificáveis em seu livro, sua proposta de organização dramática permanece a mesma, a de organizar a periodicamente durante o filme pontos de culminação de carga dramática menor.

Tanto Field (2001) quanto Gulino (2004), entre diversos outros autores de manuais de roteiro, entendem que a narrativa cinematográfica se organiza em três momentos principais: apresentação, confrontação, resolução. Essa organização parte da noção aristotélica de que toda história tem um começo, um meio e um fim. Bordwell (1985) chama essa organização de formato canônico de história e a divide em cinco etapas: introdução de cenário e personagens, explicação do estado das coisas, complicação da ação, eventos consequentes, resolução, final.

Hampe (1997), Rosenthal (1996) e Rabiger (1998) são autores de manuais de produção e roteirização de documentário que também se apoiam em boa parte dos indicativos postulados para os filmes de ficção na organização das narrativas, embora reconheçam que o documentário não necessariamente retrata situações dramáticas, entendida no caso como situação de conflito. Os três sugerem que documentários “de sucesso” precisam conter apresentação,

conflito e resolução, personagens bem definidos e com objetivos claros. No entanto, em documentário a resolução frequentemente não é e nem pode ser definitiva como no filme de ficção, de fato Field (2001), por exemplo, é incisivo ao defender que o conflito básico deve ser resolvido ao fim do filme. Em *Não vai ter golpe!* porém a resolução é de fato apresentada como uma resposta definitiva ao problema inicial colocado. Se no início a pergunta pode ser definida como “O MBL vai derrubar o PT?” a resposta final é um inequívoco “Sim”.

Dessa forma, é preciso destacar que não é, em absoluto, inédita a apropriação de traços do modelo clássico-narrativo por parte de narrativas não-ficcionais. Robert Flaherty, na década de 1920, é celebrado por seus contemporâneos justamente por causa dessa apropriação, por exemplo, ajudando a fundar o documentário clássico enquanto modo narrativo. Nesse sentido, Baltar (2019) sustenta a presença das estratégias narrativas do melodrama na filmografia do documentário clássico de maneira geral a partir exatamente deste referencial clássico-narrativo. Essas estratégias então atuam para garantir a eficácia emotiva de cada filme. A autora segue por identificar outros traços de uma “imaginação melodramática” em diversos documentários contemporâneos a partir de seus aspectos excessivos e íntimos, que parecem também estar em jogo em determinados momentos de *Não vai ter golpe!*, como veremos a seguir. O que chama atenção no filme, no entanto, é a aderência quase esquemática aos paradigmas vigentes de roteirização audiovisual e à causalidade de maneira geral.

Efetivamente o filme parece se organizar da seguinte forma: uma sequência pré-créditos que apresenta uma brevíssima história recente do poder executivo brasileiro, começando com a vitória de Lula em 2003 e encerrando com a de Dilma em 2010. O que se segue, após o título do filme, é o que se assemelha à primeira sequência do paradigma de Gulino, onde a história de vida de Renan e Alexandre é contada e se torna a história de vida do MBL. Essa sequência culmina com a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, evento que pode ser aproximado à ideia de incidente incitante em Field (2001) ou ponto de ataque para Gulino (2004), algo que coloca a história em movimento.

A seguir se inicia o capítulo 1, intitulado “O chamado”; todos os títulos de capítulo aparecem aplicados sobre a imagem ao longo do filme. Nesse momento, a reeleição de Dilma aparece como a causa de uma série de manifestações que aparecem na narrativa do filme como eventos dirigidos pelo MBL e especificamente pelos irmãos Santos. A culminação da sequência se dá com a eleição de Eduardo Cunha para a presidência da câmara dos deputados, o que para os personagens significa o vislumbre da possibilidade de impeachment.

O próximo capítulo, “Contágio”, narra a preparação e efetivação de uma primeira grande manifestação pelo impeachment em São Paulo e outras cidades brasileiras. Aqui o documentário mostra imagens de emissoras de TV nacionais e estrangeiras repercutindo a manifestação, apresenta o personagem de Fernando Holiday como “o maior orador da sua geração” e se encerra nos preparativos para a marcha que o movimento empreendeu à Brasília.

“A marcha” é o capítulo em que se desenrola de forma cronológica a marcha que os integrantes supostamente fizeram de São Paulo a Brasília, a pé. Nesse capítulo, há talvez o único momento em que a aleatoriedade da realidade invade a narrativa. De fato, é um momento intruso ao encadeamento causal do filme e suspende por alguns minutos o tom até então majoritariamente celebratório do documentário. Aos 54min, os depoimentos narram um atropelamento que acontece de uma das integrantes da marcha, já próximo a Brasília. As imagens perdem o controle brevemente, são vídeos feitos por celular de maneira geral, tremidos, escuros e sem rumo. Na faixa sonora, escutam-se palavras de desespero e um pedido para não filmar o ocorrido. O carro atingiu um dos membros do MBL, Kim Kataguirí e Amanda Alves, do Vem Pra Rua. Embora essa vítima tenha alguns poucos minutos de fala no mesmo nível de autoridade do restante dos membros do movimento, uma situação de entrevista similar, o evento é rapidamente superado como mais um obstáculo no caminho dos protagonistas. Esse momento de aleatoriedade e descontrole dura pouco, já que ao final dessa sequência ele já é encaixado no fluxo causal a partir das insinuações nos depoimentos de que teria sido um ataque de um acampamento próximo do MST, mencionado anteriormente pelos depoentes.

O capítulo se encerra com a chegada do grupo a Brasília e o encontro com o então presidente da câmara, Eduardo Cunha. Ao longo do capítulo é colocado em xeque se o pedido de impeachment seria recebido, ou se os parlamentares de oposição estariam dispostos a abraçá-lo. A reunião com Cunha é retratada pelos depoentes como um “mal necessário” e sobretudo sob a ótica de que o MBL estaria “usando” o parlamentar, e não o contrário. Esse momento se assemelha ao que Gulino chama de “primeira culminação”, um momento central na história em que o protagonista tem uma revelação ou é mostrado um vislumbre da resolução do conflito básico, no caso da pergunta: “O MBL vai derrubar o PT?”. Nesse ponto da narrativa, parece provável.

O capítulo seguinte se intitula “Alea jacta est” (“a sorte está lançada”): são as palavras proferidas por Hélio Bicudo em uma coletiva de imprensa em que o MBL retrata como um momento de aliança entre o seu movimento liberal e o que eles denominam “esquerda democrática” na luta pelo impeachment. O protocolo deste novo pedido de impeachment, elaborado por Janaína Paschoal

e que eventualmente foi o pedido aceito pelo Congresso, e a rejeição do Tribunal de Contas da União (TCU) das contas de 2014 do governo Dilma, são os dois eventos centrais do capítulo. A questão que parece ser colocada ao início deste capítulo segue para ser respondida após o final do próximo, “O acampamento”: o pedido de impeachment será aceito?

“O acampamento” continua com a ação crescente do MBL, que monta um acampamento no gramado do Congresso Nacional. Confrontos com parlamentares da casa, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a TV Globo através de um de seus repórteres são os obstáculos e complicações que o movimento deve superar para, ao início do capítulo seguinte, alcançar o objetivo, com o pedido de impeachment aceito por um Eduardo Cunha, que estaria “acuado” nas palavras dos depoentes.

O capítulo “O troco” se inicia com o aceite de Cunha, porém rapidamente apresenta um obstáculo aparentemente intransponível, a anulação do processo como havia sido conduzido até aquele momento pelo Superior Tribunal Federal (STF). O título “2016” vem no meio do capítulo como “[...] talvez nosso pior momento desde o começo”, frase dita por Renan Santos em seu depoimento aos 1h31min. Aqui o ponto de virada se parece com o que Gulino (2004) chama de segunda culminação e Field (2001) de ponto de virada do segundo ato. Gulino (2004) diz que é comum entre manuais de roteiro a indicação de que esse ponto seja o ponto mais baixo do filme, um momento em que tudo parece perdido para o protagonista. De fato, o filme nos diz textualmente, através do depoimento de Renan, que esse é o pior momento desde o início.

No capítulo “O cume”, após o momento onde parecia, segundo narrativa do filme, que Dilma e o PT haviam se fortalecido, a montagem de um comitê pró-*impeachment* de parlamentares com o MBL é a fagulha apresentada para a reação. Nesse momento, o filme narra a preparação e realização dos grandes protestos a favor do impeachment realizados em diversas cidades no dia 13 de março de 2016. Os depoentes, apoiados por imagens de emissoras de TV e de matérias jornalísticas, celebram o que teria sido uma das maiores manifestações da história do país. O vazamento do áudio da conversa entre Lula e Dilma por parte do então juiz Sérgio Moro e a angariação de votos no congresso culminam no final do capítulo na aprovação do parecer favorável ao impeachment na Câmara dos Deputados.

“O parto” se ocupa apenas com o desenrolar dos eventos já desencadeados nos capítulos anteriores, as manifestações acompanhando os votos, uma montagem de alguns votos de parlamentares a favor e contra. Ausências sensíveis são percebidas, como a do então deputado Jair Bolsonaro, por exemplo. Silêncios também compõem narrativas e constroem memórias, o voto de Bol-

sonaro em homenagem ao torturador Carlos Brilhante Ustra ter ficado de fora do filme é significativo do distanciamento que o MBL cria, durante todo o filme, do militarismo (posicionando-se explicitamente contra os pedidos de intervenção militar que aconteceram em algumas manifestações pró-*impeachment*) e do próprio Bolsonaro, hoje presidente da República e a quem o MBL faz oposição. Também coaduna com uma espécie de *mea culpa* sobre o acirramento da polarização política no país. O capítulo se encerra com a aprovação do impeachment na Câmara.

O que se segue a isso é um pequeno epílogo onde os depoentes, sobretudo aqueles com maior autoridade intelectual – economistas, parlamentares e políticos em geral – comemoram a queda de Dilma como um momento positivo para a história do país em que as instituições foram poupadas e reforçadas, fortalecendo a democracia. Existem diversas falas que ponderam que apesar de alguns problemas a situação do país melhorou desde então.¹⁰ O filme foi lançado ao final de 2019, fato que faz com que a ausência de qualquer consideração sobre a eleição de 2018 – na qual membros do MBL foram eleitos para o parlamento – e sobre o governo Bolsonaro já em curso sejam impossíveis de serem ignoradas. Os depoentes, sobretudo aqueles intelectuais ligados a *think tanks* liberais, fazem apenas comentários genéricos indicando que as coisas “melhoraram”.

Para além da estrutura delineada até aqui, parece também que há uma aderência estrutural ao arquétipo da “jornada do herói”, popularizada para o roteiro de cinema por Christopher Vogler (2006). O autor propõe, a partir dos estudos de mitologia de Joseph Campbell, uma organização narrativa em doze estágios, que representam uma saída do conhecido, uma jornada pelo desconhecido, uma transformação e um retorno a casa. O filme de fato se divide em doze momentos, o prólogo inicial, a sequência sobre a história de vida dos irmãos Santos, oito capítulos apresentados com texto na tela, dois destes possuindo uma subdivisão marcando os anos, também com texto em tela. O segundo estágio proposto por Vogler é “chamado a aventura”, o primeiro capítulo do filme é “O chamado”. Os capítulos “Alea jacta est” e “O acampamento” se assemelham ao estágio seis: “testes, aliados, inimigos”. O encontro com Hélio Bicudo, por exemplo, pode ser pensado em uma aproximação com o estágio quatro “encontro com o mentor”. O estágio final de Volger, “retorno

10. Segundo o próprio filme, em letreiro sobre fundo preto: “Vivemos num Brasil onde para o bem ou para o mal, o povo tem que ser ouvido. É um país mais intenso, conturbado, dividido. Mas é um país onde seu povo descobriu que, de alguma maneira, pode decidir seu próprio destino. Vamos todos errar ao longo do caminho. Faz parte. Mas só erra quem tenta. E só tenta, quem é livre [sic]” (Santos e Rauh, 2019).

com o elixir”, pode ser aproximado com o capítulo final do filme, onde o impeachment é aprovado e a democracia e as instituições são “salvas”.

Esse poder de agência e relação de causa e efeito que a narrativa do filme apresenta se manifestam em diversos momentos específicos de forma aguda. Como por exemplo no momento em que a narração, aos 2min, funciona de forma a colocar a eleição de Lula em 2003 como causa da criação do Foro de São Paulo, que na verdade já fora criado em 1990. A narração segue por dizer que o Foro teria sido uma entidade composta por partidos de extrema esquerda que visava à criação de uma “pátria grande” na América Latina, aliado a grupos armados e guerrilhas. Afirmiação típica e recorrente dos principais grupos à direita no Brasil, mesmo sem apoio factual.

Em outro momento, ainda durante a sequência que conta a história pessoal dos membros iniciais do MBL, a narração diz que durante as Jornadas de Junho de 2013 Renan Santos e alguns amigos “roubaram” uma manifestação da esquerda e, junto com o Ministério Público de São Paulo, lideraram a luta contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37. A narração aos 5min56 então reitera: “Vamos deixar uma coisa clara, se a PEC 37 passasse não tinha Lava Jato, não tinha Fora Dilma, não tinha Lula na cadeia, não tinha nada, nem esse documentário”. O que essa passagem deixa claro é não só a compreensão do papel do judiciário no processo político que se deu a partir de 2015 no país, mas também uma hiperinflação do papel do MBL na derrubada da PEC 37. Fato que teve, sob a direção do Ministério Público Federal e suas seções regionais, uma ampla articulação com a imprensa tradicional, judiciário e setores do parlamento (Lemos e Barros, 2016), novamente conferindo agência e força de causa e efeito a ações que não foram tão determinantes quanto parecem no filme.

Aos 52min, por exemplo, há um plano em que membros do MBL e outros movimentos que compunham a marcha para Brasília posam em uma escadaria olhando para câmera. Aos poucos vão andando em direção a objetiva, passando para o espaço fora de quadro atrás da câmera, olhando e fazendo gestos em direção à lente. Mais um momento em que o filme comunica diretamente com o espectador de forma mais incisiva, marcando nessa ação de caminhar uma visão engrandecedora do poder de agência desses personagens naquele momento histórico. Outro momento na qual esta articulação está presente é quando Renan Santos fala no microfone em um dos atos pró-*impeachment* na Av. Paulista que: “Os da imprensa falam que o impeachment pertence ao Eduardo Cunha. Aí a pergunta que fica é: esse impeachment é seu ou do Eduardo Cunha?” Esse impeachment é meu, é seu, é de todo mundo!” Esse trecho figura inclusive no trailer do filme.

Não pretendemos aqui negar a existência de pontos de vista no documentário, é claro em todos os filmes produzidos sobre o impeachment de Dilma a presença de uma posição clara, seja essa mais ou menos reconhecida nas camadas mais externas de construção narrativa. O filme documentário, além de um ponto de vista, frequentemente possui uma qualidade discursiva particular, nas palavras de Nichols (2005):

De fato, com frequência, o documentário exibe um conjunto mais amplo de tomadas e cenas diversificadas do que a ficção, um conjunto unido menos por uma narrativa organizada em torno de um personagem central do que por uma retórica organizada em torno de uma lógica ou argumento que lhe dá direção. (Nichols, 2005: 56).

Nesse sentido, o que nos parece central destacar sobre a particularidade de *Não vai ter golpe!* é que essa qualidade retórica se manifesta de maneira monolítica, quase que selada hermeticamente, apoiada em uma narrativa de causa e efeito com uma direcionalidade inequívoca que confere agência quase que absoluta ao MBL. Narrar a própria interpretação dos fatos é expediente comum no documentário, *Democracia em vertigem* faz isso reiteradamente. Mas nos parece que há uma qualidade de excesso intrínseca à forma com que o MBL apresenta os fatos, que os torce não só para encaixar na *sua* visão de mundo, mas também em um fluxo narrativo que não dá margem para o inesperado, o aleatório e a contradição.

Mesmo assim, o longa parece, no entanto, perceber e demonstrar o caminho do MBL como um agente impotente frente a uma estrutura de poder opressora, tipo dramático próprio do melodrama. Peter Brooks (1995) nos diz que “a palavra melodrama significa originalmente, um drama acompanhado por música”¹¹ (Brooks, 1995: 14) e, no caso de *Não vai ter golpe!*, a música de fato joga um papel importante desde a sequência gráfica ao princípio, com uma grandiosidade excessiva de maneira geral, funcionando no sistema narrativo do filme como um todo como mais uma fonte de excitação, de criação de expectativa e energia. Brooks percebe no gênero teatral do melodrama, que posteriormente se torna também um relevante paradigma para a narrativa cinematográfica de maneira geral (Elsaesser, 1995; Dancyger e Rush, 2013), uma narrativa que frequentemente se trata de embates entre o bem e o mal, onde o mal personificado em representantes da ordem vigente ameaça a virtude da personagem principal. Um dos momentos em que esse aspecto fica mais claro no longa é o discurso de Fernando Holiday na Câmara Municipal de Uberlândia, uma das paradas durante a marcha do movimento a Brasília. Aos 45min, em uma imagem de arquivo da TV Câmara local vemos Holiday na tribuna,

11. “The word melodrama means, originally, a drama accompanied by music”.

gritando que o PT é “[...] uma corja de ladrões imundos que nos *esmagaram* todos esses anos” [grifos nossos].

Brooks (1995) destaca a necessidade de reconhecimento, também presente na reflexão de Martín-Barbero (2001) sobre o melodrama,

[...] que é o *drama do reconhecimento*. Do filho pelo pai ou da mãe pelo filho, o que move o enredo é sempre o desconhecimento de uma identidade e a luta contra as injustiças, as aparências, contra tudo o que se oculta e se disfarça: uma *luta por se fazer reconhecer*. (Martín-Barbero, 2001: 305).

Esse reconhecimento é fundamental para a confrontação do mal e para empreender não uma mudança radical na sociedade, “[...] senão uma reforma da velha sociedade de inocência, que agora expulsou a ameaça à sua existência e reafirmou seus valores”¹² (Brooks, 1995: 32). A tendência restaurativa da narrativa melodramática parece estar representada de forma clara ao final do filme, quando a narração diz: “Existe uma estranha sensação de missão cumprida, quando você volta pra casa. [...] A democracia passou a ser divertida, e como todos os erros e dores, passou a fazer sentido pra muita gente” (Santos e Rauh, 2019).

A “jornada” do MBL então é sintetizada diretamente por uma das figuras de maior autoridade no filme, Luiz Felipe Pondé. O filósofo delinea o segredo do sucesso do movimento ao mesmo tempo que coloca em jogo os obstáculos aparentemente intransponíveis que os seus membros conseguiram superar, declara a vitória apesar da estrutura de poder pouco favorável, em sua visão:

A esquerda levou um direto no queixo e não consegue recuperar a narrativa, mesmo que os principais agentes oficiais produtores de narrativas na sociedade, ainda sejam de esquerda e ainda estejam articulados, principalmente em escolas e universidades. (Santos e Rauh, 2019).

No fim do filme, já durante os créditos finais, as falas de Rafael Rizzo e Alexandre Santos ressaltam o sacrifício e a solidão – enquanto todos comemoravam a vitória do impeachment, o primeiro estava sozinho num escritório em Brasília, e o segundo, ao longo de toda a saga dos protagonistas, não podia participar plenamente dos atos por ser responsável pelos registros audiovisuais. Porém, criar a narrativa nessas duas camadas – a organização dos atos e a produção dos vídeos sobre eles – teria valido a pena. O MBL, segundo ele mesmo, entregou um Brasil “livre”, restaurado, que ao final parece pronto para uma nova aventura no mundo da democracia.

12. “[...] but rather a reforming of the old society of innocence, which has now driven out the threat to its existence and reaffirmed its values”.

Considerações finais

As narrativas são, de acordo com Paul Ricoeur, uma maneira de relacionar projeto (futuro) e memória (passado), compreendendo que operações de memória não se referem apenas a acontecimentos pregressos, mas sim atravessam diferentes temporalidades. As narrativas permitem que o tempo se torne tempo humano, através de uma operação chamada de tríplice mimese (Ricoeur, 1994: 15). Segundo a ideia, a estruturação das narrativas envolve três mimeses: a mimese I seria o mundo pré-figurado; a II, o reino do “como se”, da representação; e a III, o ponto de chegada da narrativa no leitor/espectador/receptor.

O MBL, como ator social envolvido nos acontecimentos da mimese I, elabora-os a partir das construções narrativas (mimese II), buscando legar ao futuro e ao presente (mimese III) sua versão dos fatos. Analisar como acionam a linguagem audiovisual em *Não vai ter golpe!* permite uma melhor compreensão do projeto político, narrativo e de memória elaborado pelo Movimento Brasil Livre.

Segundo a visão do MBL, na “guerra cultural” as batalhas são simbólicas, percepções e disputas são de narrativa e ganha quem conta a melhor história. Se isso é verdade, então a jornada do movimento se completa em 2016, com a conclusão de seu objetivo central, seu conflito básico: a derrubada do PT. Talvez por isso o filme não se detenha em questões aparentemente secundárias para seu mundo narrativo: eleições presidenciais, parlamento e integridade das instituições democráticas no governo Jair Bolsonaro. Essa narrativa talvez não interesse disputar.

Referências bibliográficas

- Baltar, M. (2019). *Realidade lacrimosa: o melodramático no documentário brasileiro*. Niterói: Eduff.
- Bordwell, D. (1985). *Narration in the fiction film*. The University of Wisconsin Press.
- Brooks, P. (1995). *The Melodramatic Imagination Balzac, Henry James, melodrama and the mode of excess*. Yale University Press.
- Casimiro, F. (2016). *A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)*. Tese de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Dancyger, K. & Rush, J. (2013). *Alternative Scriptwriting*. Boston: Focal Press.

- Elsaesser, T. (1995) *Tales of Sound and Fury: Observations on the Family Melodrama, Film Genre Reader II*. Austin: University of Texas Press.
- Field, S. (2001). *Manual do roteiro*. Editora Objetiva.
- Gomes, W. & Dourado, T. (2019). Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(2): 33-45.
- Gulino, P. (2004). *Screenwriting: the sequence approach*. Continuum Publishing USA.
- Hampe, B. (1997). *Making documentary films and reality videos*. New York: Henry Holt and Company.
- Lemos, C. & Barros, A. (2016). Lutas simbólicas na arena midiática: o poder de agência do Ministério Público e as controvérsias sobre a PEC 37. *Opinião Pública*, 22(3): 702-738.
- Lepri, A. (2020). O audiovisual pervasivo do Movimento Brasil Livre nos Sites de Redes Sociais. *Logos*, 27(1).
- Lopes, P. & Segalla, V. (2016, maio 8). Líder do MBL responde a mais de 60 processos e sofre cobrança de R\$ 4,9 mi. *UOL*. São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/08/mb-l-sofre-acao-de-despejo-e-um-de-seus-lideres-tem-divida-de-r-44-milhoes.htm>. Acesso em: 15 maio 2020.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MBL. (2019). Mídia gringa Detona filme de Marighella | Por Renan Santos. *YouTube*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=-2lu4c1WpA8. Acesso em: 20 mar. 2019.
- Miguez, L. (2020). O MBL vai ao cinema. *Piauí*. Rio de Janeiro, outubro de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-mbl-vai-ao-cinema>. Acesso em: 30 maio 2020.
- Ney, T. (2015, março 12). Roqueiro e ativista na web, líder anti-Dilma defende privatizar saúde e educação. *iG*. São Paulo. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-03-12/roqueiro-e-ativista-na-web-lider-anti-dilma-defende-privatizar-saude-e-educacao.html>. Acesso em: 30 maio 2020.
- Nichols, B. (2005). *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus Editora.
- Rabiger, M. (1998). *Directing the documentar*. Boston: Focal Press.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (tomo 01). Campinas, SP: Papyrus.
- Rivière, C. (1989). *Liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

- Roberts, D. (2017, novembro 2). America is facing an epistemic crisis. *Vox*. Disponível em: www.vox.com/policy-and-politics/2017/11/2/16588964/america-epistemic-crisis. Acesso em: 06 de maio de 2020.
- Rosenthal, A. (1996). *Writing, directing, and producing documentary films and videos*. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Rudnitzki, E. & Oliveira, R. (2019, agosto 9). Nasce o cinema olavista. *Agência Pública*. São Paulo. Disponível em: <https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/>. Acesso em: 15 maio 2019.
- Salgado, D. & Grillo, M. (2018, julho 25). Facebook derruba rede de fake news usada pelo MBL. *O Globo*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/facebook-derruba-rede-de-fake-news-usada-pelo-mbl-22917346>. Acesso em: 30 maio 2020.
- Silva, L. (2018). O mercado editorial e a nova direita brasileira. *Teoria e cultura*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, 13(2).
- Vogler, C. (2006). *A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Filmografia

- 1964: o Brasil entre armas e livros* (2019), de Lucas Ferrugem, Henrique Viana (II), Felipe Valerim.
- A bruxa de Blair* (1999), de Eduardo Sánchez e Daniel Myrick.
- A grande aposta* (2015), de Adam McKay.
- Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho.
- Democracia em vertigem* (2019), de Petra Costa.
- Marighella* (inédito), de Wagner Moura.
- Não vai ter golpe! O nascimento de uma nação livre* (2019), de Alexandre Santos e Fred Rauh.